

## SEÇÃO IV

# Inflação

## Sumário

Os dados mais recentes do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) indicam que, mesmo diante de uma leve aceleração – 0,03 ponto percentual (p.p.) – da sua taxa de variação em doze meses, o cenário de inflação para 2019 não só se mantém favorável como também começa a sinalizar que a trajetória dos preços esperada para o ano pode ser ainda mais benigna que a prevista anteriormente. De fato, a alta de 0,32% em janeiro surpreendeu positivamente, ficando um pouco abaixo do esperado, ao repercutir um aumento menos expressivo dos alimentos e a continuidade da queda no preço da gasolina. Dentro deste contexto, as estimativas de um aumento de safra superior a 2,0% e a expectativa de melhora no comportamento do câmbio vêm desencadeando uma queda nas expectativas de mercado para a inflação de 2019, que já se encontram abaixo de 4%. Adicionalmente, verifica-se que, mesmo diante de um ambiente de maior dinamismo do nível de atividade, o mercado de trabalho deve continuar se recuperando lentamente, impedindo uma aceleração mais forte da demanda.

Apesar desse resultado melhor em janeiro, a alta de 4,4% da alimentação no domicílio nos últimos doze meses, medida pelo IPCA, é a principal responsável pela maior aceleração da inflação das classes mais pobres, comparativamente aos segmentos de renda mais alta. Em janeiro de 2019, a taxa de inflação acumulada em doze meses, na faixa de renda mais baixa, registrou variação de 3,8%, avançando 1,1 p.p. em relação ao observado neste mesmo mês de 2018. Em contrapartida, mantendo-se a mesma base de comparação, a inflação das famílias de maior poder aquisitivo apresentou incremento de apenas 0,1 p.p., passando de 3,7% para 3,8%. Além dos alimentos, a forte alta das tarifas de energia elétrica ao longo do ano também pressionou muito mais a inflação das camadas de renda mais baixa. De fato, esta combinação de reajustes de preços de alimentos e energia fez com que, em janeiro, enquanto a inflação dos mais pobres apontasse alta de 0,41%, a dos mais ricos variasse 0,25%.

Ainda que com baixa probabilidade, entretanto, o balanço de riscos para a inflação em 2019 leva em conta três principais fatores para a alta de inflação. O primeiro diz respeito a uma piora do cenário internacional, que pode afetar a inflação por meio da transmissão da desvalorização cambial para preços domésticos. Além disso, a ocorrência de fenômenos climáticos pode afetar o nível dos reservatórios e a produção de alimentos. Por fim, há riscos relacionados à aprovação de reformas econômicas, que estão em discussão e que são cruciais para a manutenção da estabilidade econômica.

**Maria Andreia Parente Lameiras**  
Técnica de Planejamento e Pesquisa da  
Diretoria de Estudos e Políticas  
Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

[maria-andreia.lameiras@ipea.gov.br](mailto:maria-andreia.lameiras@ipea.gov.br)

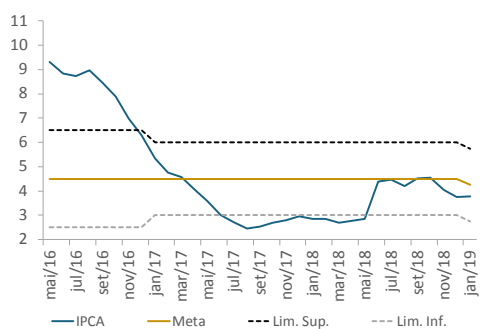
## 1 Índices de preços: Núcles e difusão



Após encerrar 2018 com variação acumulada de 3,75%, mantendo-se baixo do centro da meta de inflação pelo segundo ano consecutivo, o IPCA apontou leve aceleração em janeiro (0,03 p.p.), ratificando a perspectiva de que não há, no curto prazo, nenhum sinal iminente de descontrole inflacionário. Com efeito, mesmo diante deste ligeiro aumento na curva de variação em doze meses (gráfico 1), o resultado do IPCA em janeiro (0,32%) surpreendeu positivamente, ficando um pouco abaixo do esperado, repercutindo um aumento menos expressivo dos alimentos e a continuidade da queda no preço da gasolina.

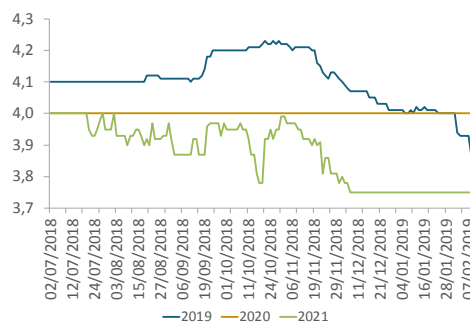
Em linha com este resultado mais favorável do IPCA em janeiro, as expectativas de mercado para a inflação em 2019 vêm sendo revisadas para baixo (gráfico 2), mesmo em um cenário de maior dinamismo do nível de atividade, tendo em vista a expectativa de melhora do comportamento de variáveis importantes, como câmbio e safra. Segundo as estimativas do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), divulgadas pelo IBGE, a safra em 2019 deverá ser 2,0% maior que a observada em 2018. Em relação ao câmbio, as expectativas do mercado, divulgadas pelo *Relatório Focus* do Banco Central do Brasil (BCB), revelam que, diante de um cenário mais favorável para a aprovação das reformas, houve um recuo da taxa de câmbio esperada para o ano: de R\$/US\$ 3,80 para R\$/US\$ 3,70.

GRÁFICO 1  
IPCA – Índice total  
(Variação acumulada em doze meses, em %)



Fontes: IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 2  
IPCA – Expectativas de inflação  
(Variação acumulada no ano, em %)



Fonte: *Relatório Focus*/BCB.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

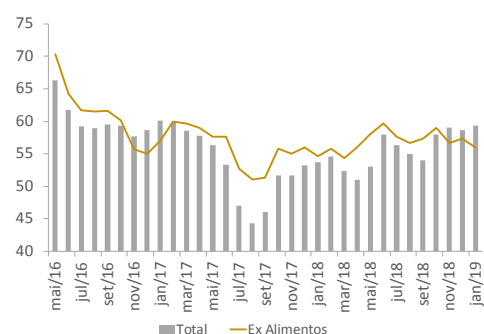
Nos últimos doze meses, encerrados em janeiro, a inflação medida pelo IPCA registrou alta de 3,78%, devido, sobretudo, ao aumento de 6,1% dos preços administrados, cuja contribuição de 1,6 p.p. respondeu por mais de 40% de toda a variação do índice no período (gráfico 3). Ainda que em trajetória de desaceleração, o reajuste de 3,7% dos preços dos serviços livres – que constituem o grupo com maior peso no IPCA (35,6% em média) – também exerceu pressão sobre o índice, contribuindo com 1,3 p.p. para a inflação acumulada em doze meses. No caso dos alimentos, observa-se que, após sucessivas deflações que atuaram como um importante fator de alívio inflacionário de 2017 até meados de 2018, esse gru-

po de preços voltou a registrar variações positivas, acumulando alta de 4,4% em doze meses, gerando uma contribuição de 0,7 p.p. para o IPCA. Por fim, o bom comportamento dos bens industriais, com taxas de inflação em doze meses estáveis em torno de 1,0%, vem sendo o ponto de menor pressão sobre o índice, contribuindo com apenas 0,2 p.p. para a variação total do IPCA.

A melhora do ambiente inflacionário é corroborada pelo bom comportamento tanto do índice de difusão quanto das medidas de núcleo. A análise do primeiro, que mede a proporção de itens dentro do IPCA com variação positiva no período, mostra que, apesar de apontar um incremento nos últimos meses, este é explicado pelo comportamento dos alimentos (gráfico 4). De fato, após a exclusão deste grupo, nota-se que o índice de difusão recua no período mais recente, indicando que a inflação brasileira segue bem comportada, sem sinais de que há algum processo de disseminação de alta de preço na economia.

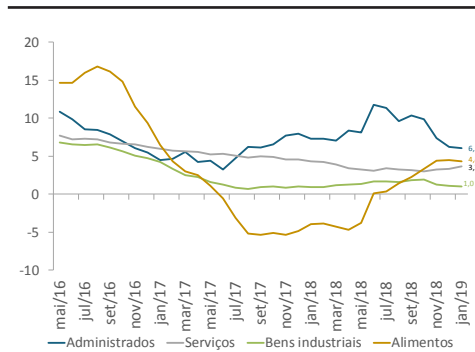
De forma similar, as medidas de núcleo de inflação também apontam para um cenário de inflação favorável, tendo em vista que todos os indicadores, independentemente da métrica utilizada, registram variações em doze meses abaixo do centro da meta de inflação definida para 2019 (4,25%). Mais uma vez, o destaque positivo fica por conta do núcleo por exclusão, o qual, ao retirar do cálculo as variações de preços administrados e dos alimentos, registra alta de apenas 2,6% nos últimos doze meses (gráfico 5). Nota-se que até o núcleo por dupla ponderação, cuja metodologia apenas repondera e não exclui nenhum item pertencente ao IPCA, indica uma inflação controlada rodando abaixo de 4,0%.

**GRÁFICO 4**  
**Indicador de difusão do IPCA**  
(Médias móveis trimestrais)



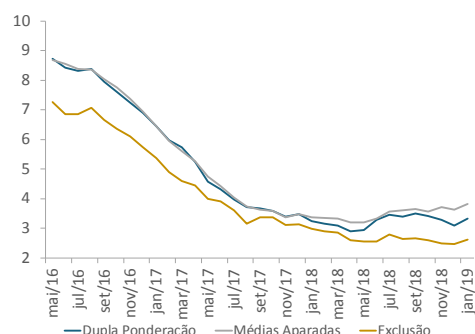
Fontes: IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 3**  
**IPCA - Categorias**  
(Variação acumulada em doze meses, em %)



Fontes: IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 5**  
**IPCA: medidas de núcleo de inflação**  
(Variação acumulada em doze meses, em %)



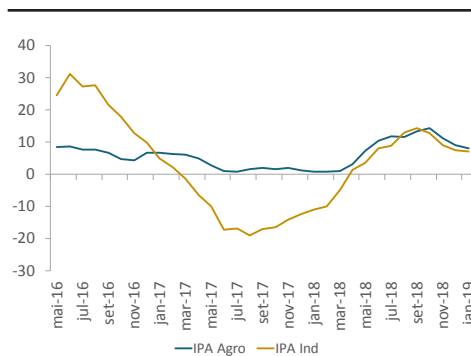
Fonte: BCB.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Assim como ocorreu no varejo, os dados de preços ao produtor também mostram um incremento da inflação no atacado ao longo de 2018, embora em ritmo



bem superior ao registrado pelos índices ao consumidor. Observa-se, entretanto, que já há um processo de leve desaceleração dos preços ao produtor na margem (gráfico 6). De acordo com a abertura do Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA), calculado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), após iniciarem o ano de 2018 com uma taxa de inflação acumulada em doze meses de 0,9% e -11,0%, respectivamente, os preços ao produtor agrícolas e industriais aceleraram-se durante o ano, de modo que, em janeiro de 2019, as altas apontadas foram de 8,2% e 7,1%.

GRÁFICO 6  
Índice de preços ao produtor amplo  
(Variação acumulada em doze meses, em %)

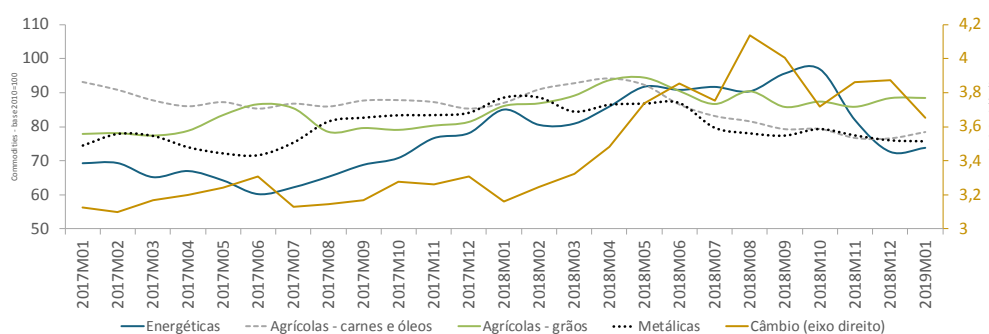


Fonte: FGV.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

No caso dos produtos agrícolas, as maiores pressões sobre o índice vieram do feijão (54,7%), do trigo (33,2%), do milho (20,8%) e de leites (19,2%). Em relação os produtos industriais, os segmentos com maior inflação acumulada em doze meses, até janeiro, são: metalurgia (14,3%) e química (11,2%).

Este aumento dos preços ao produtor em 2018 deve-se, sobretudo, à desvalorização cambial ocorrida no ano passado. Em que pese a aceleração observada nos preços do petróleo no mercado internacional, o comportamento mais favorável das demais *commodities*, principalmente a partir do fim do primeiro semestre de 2018 (gráfico 7), indica que, de fato, o principal foco de pressão sobre a inflação doméstica ao produtor, no ano passado, veio da trajetória do câmbio.

GRÁFICO 7  
Commodities e câmbio



Fonte: Banco Mundial e Banco Central do Brasil (BCB).  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 2 Inflação de alimentos

A despeito da aceleração ocorrida ao longo dos últimos meses, a trajetória da inflação de alimentos segue dentro das expectativas, de forma bem comportada, tendo em vista não só o fato de que a produção de grãos em 2018 foi quase 6,0% menor que a observada na supersafra de 2017, mas também a desvalorização cambial da ordem de 17% ocorrida no ano passado.



Os dados desagregados expostos na tabela 1 mostram que, em janeiro de 2019, na comparação com o mesmo período de 2018, apenas os subgrupos tubérculos, raízes e legumes e bebida e infusões apresentaram queda nas suas taxas de inflação acumulada em doze meses. Em contrapartida, cereais, frutas e leite e derivados foram os segmentos que registraram o maior incremento inflacionário no período.

TABELA 1

**IPCA: alimentação no domicílio por subgrupos**

(Variação acumulada em doze meses, em %)

	jan/18	out/18	nov/18	dez/18	jan/19
Alimentação no domicílio	-4,0	3,3	4,4	4,5	4,4
Cereais, leguminosas e oleaginosas	-22,2	-2,2	0,6	3,5	9,1
Farinhas, féculas e massas	-5,8	0,5	3,8	3,4	3,6
Tubérculos, raízes e legumes	22,6	7,9	27,0	39,7	10,8
Açúcares e derivados	-13,4	-4,5	-3,2	-3,4	-2,0
Hortaliças e verduras	1,8	5,7	8,5	10,8	8,8
Frutas	-13,5	9,8	12,1	14,1	15,6
Carnes	-2,4	1,6	1,9	2,2	2,6
Pescados	2,4	3,1	3,4	2,9	2,4
Carnes e peixes industrializados	-1,3	-0,1	0,8	0,4	0,9
Aves e ovos	-5,2	1,0	3,2	3,1	3,9
Leite e derivados	-6,0	14,0	9,6	6,2	7,4
Panificados	1,5	5,5	6,3	4,4	4,1
Óleos e gorduras	-7,8	2,7	2,6	1,5	2,1
Bebidas e infusões	3,1	-0,8	-0,3	-0,3	0,1
Enlatados e conservas	2,8	2,8	3,7	3,4	3,9
Sal e condimentos	-5,6	-0,9	-1,0	-0,4	0,6

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

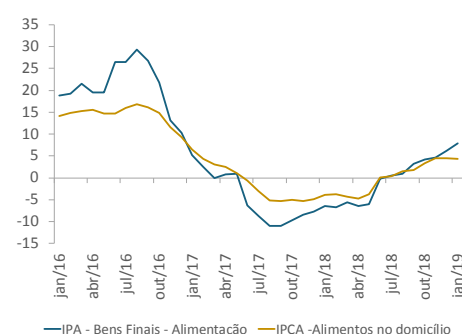
Dentro da dinâmica esperada, o aumento da inflação de alimentos no varejo vem repercutindo a elevação dos preços ao produtor. De acordo com os dados coletados pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), na comparação com 2017, praticamente todos os cultivos apresentaram alta em 2018, com destaque para o trigo (35,9%), o milho (26%) e a soja (18,5%). Ainda que em menor intensidade, também houve aumentos nos preços das carnes bovinas (4,4%), do frango (6%) e do leite (10,1%).<sup>1</sup>

Assim como o Cepea, os dados do IPA referentes ao grupo bens finais – alimentação apontam incremento de 7,8%, no acumulado em doze meses, encerrados em janeiro (gráfico 8). Nota-se que, apesar de um leve descolamento na margem, praticamente todo o aumento nos preços ao produtor vem sendo repassado para o consumidor, indicando que, mesmo diante de um cenário ainda marcado por um baixo dinamismo da demanda interna, a alta destes produtos vem sendo absorvida pelas famílias, tendo em vista que são itens de necessidade básica.

GRÁFICO 8

**Inflação de alimentos – IPCA versus IPA**

(Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: IBGE e FGV.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

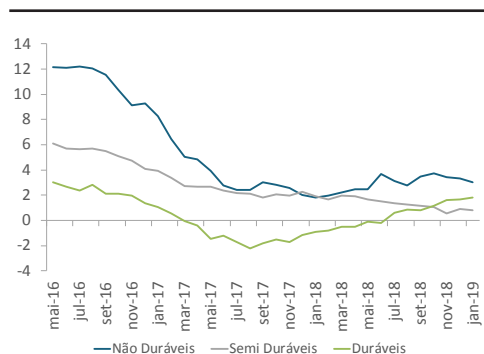
1. Para mais detalhes, ver a seção Economia Agrícola da *Carta de Conjuntura* nº 42

### 3 Inflação de bens e serviços



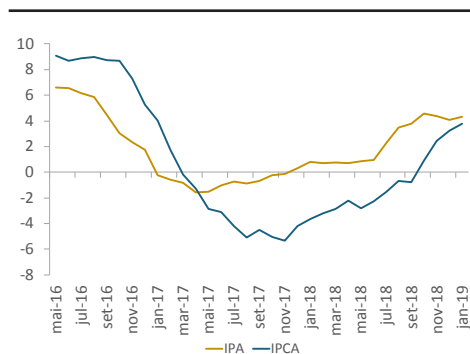
Este cenário de inflação sob controle, delineado ao longo dos dois últimos anos, também foi possibilitado pela melhora no comportamento dos bens e serviços livres. Com efeito, segundo os dados do IPCA, desde maio de 2017, a inflação de bens livres mantém-se abaixo de 2,0%, mesmo em um contexto de recente desvalorização cambial. De acordo com o gráfico 9, observa-se que, enquanto a inflação dos bens de consumo não duráveis mantém-se estável em patamares confortáveis, ou seja, abaixo do centro da meta, a dos bens semiduráveis segue em desaceleração, repercutindo, sobretudo, a alta de apenas 0,4% dos itens de vestuário nos últimos doze meses. No caso dos bens de consumo duráveis, destaca-se que, apesar da aceleração, esse segmento registra inflação ao consumidor de 1,8% no período em questão, bem abaixo da variação apresentada no nível do produtor (3,6%), sinalizando que a recuperação ainda moderada do mercado de trabalho vem mantendo limitado o avanço da demanda, dificultando o repasse dos reajustes ao consumidor (gráfico 10).

**GRÁFICO 9**  
**IPCA – Bens de consumo industriais**  
(Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

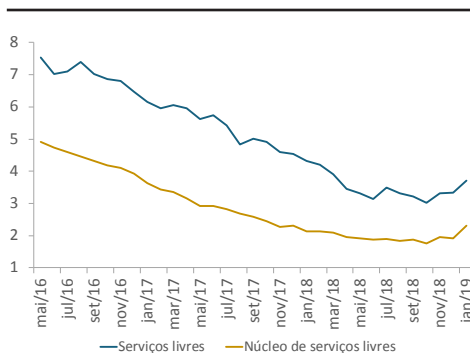
**GRÁFICO 10**  
**Bens de consumo industriais – IPCA versus IPA**  
(Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: IBGE e FGV.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Ainda dentro desta perspectiva, a trajetória dos preços dos serviços livres vem sendo de grande importância para o estabelecimento deste ambiente inflacionário benigno. A análise do gráfico 11 revela que, embora haja uma leve aceleração na margem, a inflação de serviços acumulada em doze meses, até janeiro, registra alta de 3,7%, situando-se 0,6 p.p. abaixo do registrado neste mesmo mês de 2018, mantendo-se a base de comparação. No caso do núcleo da inflação dos serviços (cuja metodologia desenvolvida pelo BCB exclui a influên-

**GRÁFICO 11**  
**IPCA: Inflação de serviços livres**  
(Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: IBGE e FGV.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

cia de três conjuntos de itens – passagens aéreas, hotel e excursão; empregado doméstico e mão de obra na residência; e cursos regulares e diversos, internet, telefone e TV a cabo), <sup>2</sup>nota-se que a inflação acumulada em doze meses é ainda menor (2,3%), situando-se em patamar próximo ao registrado em janeiro de 2018.

Na desagregação dos serviços por diferentes categorias (tabela 2), evidencia-se que esta melhora do comportamento inflacionário vem ocorrendo em praticamente todos os segmentos. Por certo, à exceção dos serviços de alimentação e transportes, impulsionados, respectivamente, pelo aumento dos alimentos e das passagens aéreas, todos os demais subgrupos apontam recuo em suas taxas de inflação em doze meses, na comparação entre janeiro de 2018 e de 2019. O destaque positivo fica por conta dos setores de consumo e educação.

TABELA 2

**IPCA de serviços livres por subgrupos**

(Variação acumulada em doze meses, em %)

	Total	Serviços de Alimentação	Serviços Residenciais	Serviços de Transportes	Serviços Médicos	Serviços pessoais e de recreação	Serviços de Educação	Serviços de Comunicação
jan/18	4,3	3,2	3,7	4,0	4,7	4,7	7,6	4,2
fev/18	4,2	3,2	3,6	5,4	4,6	4,5	6,3	3,4
mar/18	3,9	3,4	3,6	3,7	4,8	4,2	5,5	3,4
abr/18	3,5	2,7	3,2	1,9	4,8	4,2	5,5	1,8
mai/18	3,2	2,4	2,6	1,4	4,8	4,2	5,5	1,8
jun/18	3,1	2,8	2,4	0,4	4,4	4,1	5,5	1,6
jul/18	3,5	3,4	2,3	3,9	4,1	4,0	5,5	1,6
ago/18	3,3	3,3	2,4	1,2	3,8	3,9	5,6	2,5
set/18	3,2	3,5	2,5	1,0	3,6	3,7	5,4	1,8
out/18	3,0	3,3	2,3	-0,1	3,7	3,7	5,4	1,1
nov/18	3,3	3,6	2,7	2,2	3,9	3,7	5,4	0,6
dez/18	3,3	3,2	2,8	4,2	4,0	3,4	5,4	0,6
jan/19	3,7	3,9	2,7	5,0	4,4	4,0	5,5	0,5

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

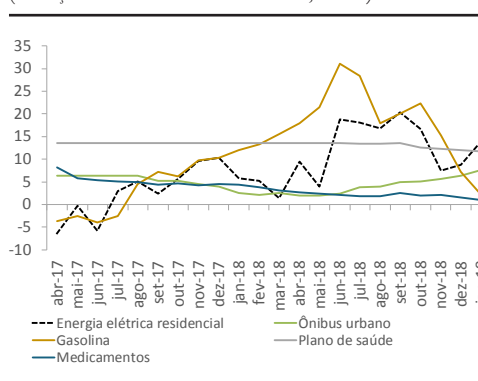
## 4 Inflação de preços administrados

Embora a inflação dos preços livres venha contribuindo favoravelmente para a manutenção do IPCA em níveis confortáveis, o mesmo não se pode afirmar em relação aos preços administrados. Apesar de já apontar uma desaceleração nos últimos meses, este grupo de itens constituiu-se no principal foco de pressão sobre a inflação nos últimos anos. Entre os principais itens que compõem o segmento, nota-se que grande parte desta alta ocorrida em 2018 veio da forte aceleração das tarifas de energia elétrica, com variação acumulada em doze meses

GRÁFICO 12

**IPCA: Inflação de preços administrados**

(Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

2. No primeiro caso, o expurgo procura eliminar o impacto das competições esportivas realizadas em 2014 e em 2015, enquanto no segundo caso tenta-se dissipar os efeitos da mudança da métrica utilizada pelo IBGE, em que o comportamento passa a refletir apenas os reajustes do salário mínimo, e não mais as mudanças do ciclo econômico. Por fim, a exclusão do último grupo é decorrente da forma de recomposição desses preços, que ocorre de maneira pontual ao longo do ano.

de 14% (gráfico 12). Ainda que em menor proporção, destaca-se também a piora no comportamento das tarifas de ônibus urbano, cuja inflação em doze meses avançou de 2,5% em janeiro de 2018 para 7,7% neste mesmo mês de 2019. Em contrapartida, identifica-se que, após registrar sucessivas altas durante o ano, impactadas pelo aumento da cotação do petróleo no mercado internacional, o preço da gasolina desacelerou fortemente nos último trimestre, de modo que, em janeiro, a variação acumulada foi de apenas 2,2%.

## 5 Inflação por faixa de renda

Assim como verificado em dezembro, o Indicador Ipea de Inflação por Faixa de Renda, calculado com base nas variações de preços de bens e serviços pesquisados pelo Sistema Nacional de Índice de Preços ao Consumidor (SNIPC) do IBGE, voltou a registrar, em janeiro, uma aceleração mais intensa no ritmo de crescimento dos preços relativos às classes de renda mais baixa. Na desagregação por faixas descritas na tabela 3, observa-se que a inflação das famílias de menor poder aquisitivo (0,41%) foi 0,16 p.p. maior que a observada nas classes mais ricas, influenciada, sobretudo, pelos aumentos dos preços dos alimentos, em especial cereais (4,4%), frutas (5,5%) e leites e derivados (1,1%), além dos reajustes das tarifas de ônibus urbano (2,7%), trem (2,7%) e metrô (3,0%).

TABELA 3

### Inflação por faixa de renda

(Variação acumulada, em %)

Faixa de renda	jan-18	nov-18	dez-18	jan-19	Acumulado 12 meses
Muito baixa	0,23	-0,17	0,21	0,41	3,72
Baixa	0,26	-0,17	0,19	0,38	3,71
Média-baixa	0,29	-0,09	0,17	0,34	3,78
Média	0,28	-0,20	0,15	0,32	3,73
Média-alta	0,33	-0,22	0,12	0,27	3,84
Alta	0,36	-0,23	0,09	0,25	3,81

Fonte e Elaboração: Grupo de conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 4

### Inflação por faixa de renda - Janeiro/19

(Contribuições por grupos)

	IPCA	Renda muito baixa	Renda baixa	Renda média-baixa	Renda média	Renda média-alta	Renda alta
	Variação (%)	Impacto em (p. p.)					
<b>Inflação Total</b>	0,32	0,41	0,38	0,34	0,32	0,27	0,25
Alimentação	0,90	0,30	0,27	0,24	0,23	0,18	0,15
Habituação	0,24	0,04	0,04	0,03	0,03	0,03	0,03
Artigos de residência	0,32	0,03	0,02	0,02	0,01	0,01	0,01
Vestuário	-1,15	-0,08	-0,08	-0,08	-0,08	-0,07	-0,06
Transportes	0,02	0,09	0,08	0,06	0,04	0,01	-0,01
Saúde e Cuidados pessoais	0,26	-0,01	0,00	0,01	0,02	0,03	0,04
Despesas pessoais	0,61	0,04	0,04	0,04	0,06	0,06	0,07
Educação	0,12	0,00	0,00	0,01	0,01	0,02	0,02
Comunicação	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Fonte e Elaboração: Grupo de conjuntura da Dimac/Ipea.

De fato, de acordo com a tabela 4, nota-se que as contribuições dadas pelos grupos alimentação (0,30 p.p.) e transportes (0,09 p.p.) praticamente explicam toda a variação da inflação do segmento de renda muito baixa. Na outra ponta, embora

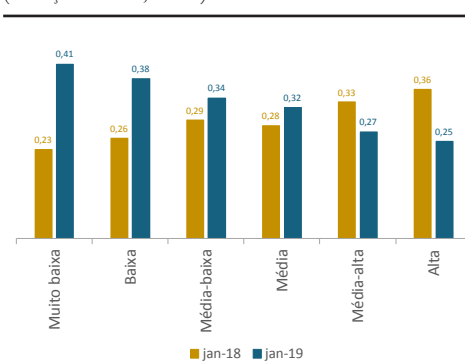


também seja o grupo que apresente a maior contribuição à alta, o impacto dos alimentos na inflação da camada de renda mais alta é menos expressivo, tendo em vista que o peso destes itens na cesta de consumo destas famílias é proporcionalmente menor do que o observado nos subgrupos de renda mais baixa. Adicionalmente, observa-se ainda que, no caso dos transportes, não apenas o reajuste das tarifas de transporte público afeta bem menos o orçamento das classes mais ricas, como também se verifica que a queda de 2,1% nos preços dos combustíveis beneficia muito mais este segmento da população, dado que são estas famílias que fazem uso de veículos próprios, gerando, inclusive uma contribuição negativa deste grupo para a inflação das camadas de renda mais alta.

Na comparação com janeiro de 2018 (gráfico 13), identifica-se que, em 2019, enquanto as faixas de renda mais baixa apresentaram uma aceleração da inflação, as duas classes de renda mais elevada registraram uma queda na taxa de crescimento dos preços de bens e serviços. Este desolamento ocorreu porque em 2018, mesmo diante de uma inflação de alimentos no domicílio (1,12%) maior que a registrada este ano (0,97%), houve um forte recuo nas tarifas de energia elétrica (-4,7%), o que beneficiou mais as famílias mais pobres, tendo em vista o peso deste item em suas cestas de consumo. Em contrapartida, a alta de 2,6% nos preços dos combustíveis gerou um incremento maior na inflação das classes mais altas, que também foram pressionadas, em janeiro de 2018, por aumentos mais significativos nos preços dos serviços de alimentação fora do domicílio e de educação.

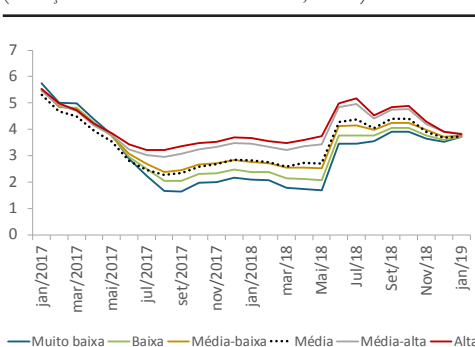
Com a incorporação do resultado de janeiro, o gráfico 14 mostra que houve uma convergência das trajetórias de inflação em doze meses de todas as classes de renda para patamares entre 3,7% e 3,8%. Por um lado, o fim dos efeitos da queda dos preços dos alimentos no domicílio e o aumento das tarifas de energia elétrica, ao longo do segundo semestre de 2018, geraram uma aceleração da inflação nas faixas de renda mais alta. Por outro lado, a queda dos preços dos combustíveis, a partir de novembro, aliada a uma desaceleração do ritmo de crescimento dos preços dos serviços de saúde e educação em 2018, gerou uma descompressão sobre a inflação das famílias de maior poder aquisitivo.

GRÁFICO 13  
Inflação por Faixa de Renda - Janeiro/19  
(Variação mensal, em %)



Fonte: Ipea.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 14  
Inflação por faixa de renda  
(Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: Ipea.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## **Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)**

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor  
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti – Diretor Adjunto



### **Grupo de Conjuntura**

#### **Equipe Técnica:**

Christian Vonbun  
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos  
Leonardo Mello de Carvalho  
Marcelo Nonnenberg  
Maria Andréia Parente Lameiras  
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa  
Paulo Mansur Levy  
Vinicius dos Santos Cerqueira  
Sandro Sacchet de Carvalho

#### **Equipe de Assistentes:**

Ana Cecília Kreter  
Augusto Lopes dos Santos Borges  
Felipe dos Santos Martins  
Felipe Simplicio Ferreira  
Janine Pessanha de Carvalho  
Leonardo Simão Lago Alvite  
Matheus Rabelo de Souza  
Pedro Mendes Garcia  
Renata Santos de Mello Franco  
Victor Henrique Farias Mamede

---

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.